

Foi amanhã¹

João de Mancelos

Um conto do livro

O espécime distante

Lembro-me dele, sim. Visitávamo-lo com alguma regularidade, normalmente no último dia de aulas, antes das férias. Por vezes, também num ou noutra feriado, levados pela mão dos nossos pais. Desde há muito que ele se transformara na principal atração do Museu de Espécimes Horrendos. E não era apenas por ser o último monstro ainda vivo — Nero, Hitler e Estaline estavam representados por inócuas e desinteressantes figuras de cera. Acima de tudo, aquela era uma criatura *não* terrestre, a única até então conhecida. Assim, havia um misto de fascínio e terror que nos impelia a espreitá-lo.

Os professores tinham dificuldade em controlar-nos, à medida que entrávamos no anfiteatro escuro.

- Sentem-se e fiquem quietos.
- Crianças, crianças, então? Pouco barulho!
- Paulinho, larga já as tranças da Catarina!

Contudo, até mesmo os adultos manifestavam um injustificado nervosismo. Com paciência, o velho guarda coxo advertia:

- Senhores, não é permitido tirar fotografias. A pele do espécime é sensível aos *flashes*.

Após alguma insistência, todos se acomodavam. A luz começava a desaparecer, paulatinamente, dando lugar a uma agradável semiobscuridade; a cortina do palco subia. A pulsação aumentava. À boca de cena, havia uma jaula circular, semelhante à usada pelos domadores de leões, mas mais exígua. À medida que os olhos se habituavam à iluminação discreta, distinguíamos a criatura. Os vindos pela primeira vez tinham uma reação curiosa. Influenciados por quilómetros de filme animado ou por produções fantásticas, sonhavam com um monstro medonho, uma bizzarria enorme e agressiva. Tudo menos aquele corpo franzino, cabisbaixo, descolorido. Esperávamos, talvez, que ele se rebolesse pela cela, pedisse comida, fizesse alguma habilidade ou gritasse impropérios numa língua desconhecida. Porém, raramente se movia, como se fosse um daqueles homens estátuas, pintados de branco, que se exibem nas

¹ Mancelos, João de. *Foi amanhã*. Lisboa: Vega, 1999. 146 pp. ISBN: 972-699-632-5.

praças e só mudam de posição quando alguém lhes oferece uma moeda.

Lembro-me de refletir inúmeras vezes sobre o assunto. Que sentiria a criatura na cela, hora a hora, ano após ano? Indiferença? Tédio? Solidão? Remorsos?

Exatamente um minuto depois do pano se afastar, um locutor em voz *off* explicava:

— Bem-vindos ao Museu dos Espécimes Horrendos. A criatura que veem é o último habitante do planeta R-12, situado a vinte e cinco anos-luz da Terra. Foi encontrado em 2083, por uma expedição dirigida pela comandante paquistanesa Raina. Desconhece-se o seu nome, profissão ou mesmo idade. Tem pouco mais de um metro de altura, dois braços e três membros locomotores.

Neste instante, havia sempre alguns risinhos. Os professores levavam os dedos aos lábios e repunham a calma.

A conversa gravada prosseguia:

— A sua pele é clara e sensível à luz. O mundo donde veio é pouco iluminado. Daí também a baixa temperatura desta sala. Os primeiros estudos sobre o ser revelaram que é capaz de articular palavras e até frases extensas. Os linguistas tentaram decifrar, sem êxito, o seu idioma. Há já um número considerável de anos que não emite sons. Alimenta-se exclusivamente de vegetais. Irão ver, em seguida, algumas imagens do seu planeta.

A curiosidade agudizava-se. Na parede-vídeo do anfiteatro aparecia um filme de cores desbotadas e sem som. Mostrava um mundo deserto, a areia enrolada no vento. Noutra sequência, as ruínas esfareladas de edifícios, feitos em tijolo. Durava apenas alguns segundos. A seguir, surgia uma dúzia de objetos, bem iluminados e dispostos numa estante, cada um deles com uma etiqueta.

A voz *off* recomeçava:

— Estas imagens foram colhidas pela equipa da comandante Raina. A qualidade é fraca, devido às condições do planeta e à radioatividade.

Neste ponto, lembrava-me de o meu pai me ter contado como os doze exploradores haviam ficado cancerosos, na longuíssima viagem de regresso, a bordo da nave. Uma das mais sinistras tragédias da saga espacial. O locutor prosseguia:

— Calcula-se que fosse uma civilização avançada, baseada em duas únicas cidades. Em dado momento da história de R-12, um conflito opôs as metrópoles. A guerra foi feita com armamento nuclear. A primeira povoação encontra-se devastada. A segunda apresenta ainda edifícios bem conservados.

Seguiam-se imagens de torres esguias e pontiagudas, quase sem janelas. Algumas interferências depois, a câmara mostrava uma cavidade. Luzes fortes. Um corredor longo. Mais interferências. Uma porta circular. Interferências, outra vez.

— O espécime foi encontrado num abrigo subterrâneo, graças a um detetor térmico. Não se conhece a existência de mais nenhuma criatura. O professor Roberto Castillo, da Universidade Central Venezuelana, apresentou, em 2106, uma teoria hoje comumente aceite. Acredita que a criatura foi a principal responsável pelo desencadear do combate. Seria um líder político e militar que por motivos desconhecidos atacou a cidade vizinha. A sala onde foi encontrado estava revestida de chumbo e bem abastecida de víveres, o que comprova a sua importância na hierarquia social. O ato bélico teve como consequência a extinção de toda a vida no planeta e alterações profundas na atmosfera.

Imagens aéreas, feitas em órbita, mostravam bairros destruídos, rios secos, florestas de árvores mirradas e enegrecidas, os arbustos reduzidos a carapinha, dunas de destroços. E o comentador concluía:

— A equipa fez um trabalho científico rápido e superficial. A doença obrigou os exploradores a regressarem. Nenhum sobreviveu. O planeta R-12 não voltou a ser visitado.

Há algum tempo, a minha professora tinha-me dito que a viagem até lá era excessivamente longa e dispendiosa. Nenhum tripulante sacrificaria uma dezena de anos, à velocidade da luz, para chegar ao destino, e outros tantos no caminho de volta. Além disso, o subsídio que o governo concedia à exploração espacial era cada vez mais reduzido.

Com efeito, o interesse decaía. Mesmo os exobiólogos, desesperançados de encontrarem mais alguém naquele mundo distante, apenas ansiavam pela morte da criatura. O cadáver poderia oferecer pistas interessantíssimas sobre a relação entre aquele ser e habitat do planeta.

Há vinte anos, o extraterrestre fora um símbolo único da cidade: bonecos de borracha, postais, porta-chaves, pósteres, *t-shirts*, etc. Porém, com o tempo, o espécime passara de moda e mesmo as escolas iam perdendo o interesse. Muitos miúdos conheciam de cor o documentário, murmurando as palavras à medida que o apresentador narrava os factos. Tudo eternamente igual. Apenas o guarda do auditório faleceu, um dia.

— Diz-se que ele falava com a criatura, nos intervalos! Por telepatia! — contara-me, uma ocasião, a mentirosa da Maria. Estou mesmo a vê-la, gorducha e sorridente, com ar sabedor, piscando-me o olho. Por qualquer motivo, calhava-me sempre a mim dar-lhe a mão, suada e escorregadia, quando enfileirávamos para o auditório.

Apenas um grupo permanecia sofregamente interessado na exploração do planeta: os arqueólogos. Conheci alguns deles na Universidade. Jovens entusiásticos, capazes de apresentarem listas de argumentos, defensores ao rubro de uma expedição científica que, por vontade deles, teria lugar no dia seguinte.

— Levaremos fatos antirradiação. Começamos por fazer um levantamento cartográfico

geral. Dividiremos o planeta em zonas. Depois, cada grupo pesquisa uma. Já imaginaste? A quantidade de artefactos que podemos encontrar!

— E livros! — adiantava outro. — Uma civilização nuclear deve ter livros!

— Uma língua a decifrar — adiantava um filólogo do quarto ano, de óculos espessos.

Conversas infindas, naquelas noites abafadas de verão. Sentava-nos na relva do *campus* ou nos capôs dos todo-o-terreno. Fumava-se de tudo, bebia-se cerveja quente e combinavam-se interlúdios amorosos. No entanto, eu tinha fama de ser metida comigo mesmo.

— Uma miúda gira, mas de poucas falas — dissera-me em tempos o Miguel, o nosso poeta de serviço, enquanto tentava por todas as formas acariciar-me debaixo da camisola.

Mesmo tímida, levavam-me sempre para as discussões deles e faziam questão de saber por quem eu torcia:

— Que achas, Cátia? Tenho ou não razão? Podemos revitalizar a atmosfera?

Eu encolhia os ombros. Não era uma especialista. Apenas uma estudante de jornalismo bonita, um rosto no friso de amigos. Mas as nossas noites eram belas e longas, éramos jovens para sempre, e sentíamos-nos amados pelos deuses. Que me preocupava um ponto desfocado e distante no céu de verão, carcomido de estrelas?

Quando a criatura começou a definhar e faleceu, num Inverno escuro, quase não liguei. Os canais urbanos dedicaram-lhe trinta segundos no fecho da edição. Estava algures no sul do país, a tentar descobrir um rumo à minha existência.

— A vida amorosa de um caracol é mais agitada do que a tua — dissera-me um amigo. Enfim, durante dois ou três anos não voltei a lembrar-me do espécime. Até ao dia em que conheci o António.

Nesse Outono, vivia eu numa vilória serena à beira-mar. Concluía o curso havia três anos, e largara um emprego monótono numa revista de moda e temas afins — nada que me deixasse demasiadas saudades. Com as economias tencionava dedicar-me a escrever, durante um ano, aquilo a que já todos os amigos chamavam “o meu romance”.

Dia após dia labutava, em frente ao processador de texto, procurando construir personagens memoráveis, descrever espaços tão realistas que puxassem o leitor para dentro da ação, elaborar diálogos naturais, encontrar um enredo único. Únicas pausas: ao fim-de-semana, para dar umas voltas de jipe pela região, e manhã bem cedo, rente à orla, em busca dos salvados da maré anterior. Às vezes quedava-me, ao fim do dia, a observar da varanda os restos esmaltados da penumbra. Vi os felinos a deambular pelos telhados circundantes. Roçavam-se nos torsos das chaminés, à procura do aroma do pão-de-mel e das panquecas. Quando vieram as monções, abandonei o meu posto. Esfriava. Punha-me, então, a recolher os tarecos das vizinhanças. Dava-lhes as sobras de leite e restos das refeições. Uma tarde deparei com o

Napoleão — o pelo ruço e nédio, e uma coleira, dessas que têm gravado o endereço. Telefonei ao dono, um tal António. Combinámos encontrar-nos num bar, junto à praia.

Acomodei o bichano, que estava irrequieto, pressentido a chegada do dono, num cesto de vime, com um cobertorzinho azul-bebé. O António foi pontual, aparecendo num automóvel pequeno e restaurado. Era alto, magro, com um porte quase atlético, de cabelo castanho-claro, longo, apanhado num carrapito. Trazia uma *sweatshirt* enorme, de uma universidade que abandonara a meio do curso, para se dedicar à arte. Explicou-me, no decorrer da conversa, que se sustentava como pintor e músico não profissional. O que me impressionou, no rol de talentos, foi dom da palavra.

— Cátia — sussurrou-me. — Gosto de ti. O modo como falas. A delicadeza com que em cada gesto penteias uma madeixa atrás da orelha, o aro de prata, a curva do teu pescoço. Devíamos ver-nos mais vezes.

Na altura, ri-me e pensei a quantas mulheres dedicara ele semelhante discurso, mas não o apreciei menos por isso. Marcámos encontros futuros, na esplanada deserta, onde o bêbedo da vilória era uma presença tão habitual quanto a de uma mesa ou chávena.

Era inevitável apaixonarmo-nos. Se tal não sucedesse, sentir-me-ia como uma péssima atriz, prestes a desiludir a audiência, frustrar o realizador e trair o argumentista. Tudo batia tão certo. Ao fim de um ano, vivíamos juntos. Eu aceitara fazer as vezes de crítica literária e sobrevivíamos. No Inverno seguinte, a Nádia nasceu. Uma bebé perfeita, com uma tez e traços dignos de uma película em *technicolor*. Éramos pacatamente felizes.

E tu crescias, Nádia, ausente e metida contigo mesmo. Quando a professora nos chamou à escola e contou que não brincavas com as outras crianças, não fazias os trabalhos e por vezes adormecias na aula, compreendemos que algo corria mal:

— Uma forma muito leve de autismo — dissera-nos a psiquiatra. — Há terapia, obviamente, mas...

No caminho de casa, nem uma frase. Chovia. Gotículas que o para-brisas teimava inutilmente em afastar. Procurei concentrar-me em qualquer coisa. As luzes traseiras do camião da frente. A melopeia de estações confusas, no rádio. Disfarcei, não fosses aperceber-te que o problema eras tu. Jantámos em silêncio, nessa noite, ensimesmados. Demos-te a tua sobremesa favorita. Aconchegámos-te. Ninguém se lembrou de te ler uma história. Não pediste. No íntimo sabias tudo, telepática miudinha de olhos cinzentos. À noite, finalmente sós, lancei-me nos braços do António e chorei.

A terapia passava pelo desenvolvimento da comunicação funcional, das habilidades adaptativas, do contacto com os outros. Adquiri vários jogos estimulantes: bonecas anafadas que podias vestir e despir, *puzzles*, jogos de construções, Um dia, na loja de brinquedos local,

encontrei alguns bonifrates de borracha, remetidos para um canto da prateleira. Representavam o extraterrestre do museu. Estavam em saldo, acabei por comprar dois, por graça: um, para ti; outro, para o António pôr no ateliê do sótão. Sentadas no chão, à chinesa, ao desembrulhá-los.

— Como se chama ele, mãe?

— Ninguém sabe. Veio de outro mundo. Costumava ir visitá-lo ao museu, tinha eu mais uns palmos do que tu.

— Quer dizer que existiu mesmo?

— Claro.

Contei-te a história, ajudada pelo papá. Engraçaste com a criatura, definitivamente. Era um dos teus poucos amigos, à exceção do Bolhinhas — o peixe vermelho. Ainda me recordo de quando trouxe para casa o aquário. Durante um par de dias, tu e o peixe espiavam-se mutuamente, numa furtividade ímpar. Às vezes, eras tu que aparecias por debaixo da mesa, o rosto confundido na sombra e o fitavas. Outras ocasiões era ele, na sua coreografia de barbatanas, fazendo o circuito do aquário em golpes esquivos. Não raras vezes, durante uns bons quinze minutos, ignoravam-se, presunçosamente. Tu, entretida com o extraterrestre. Ele, espiando por entre uma floresta de algas de plástico. No entanto, depois, estendas a mão e acariciavas o aquário. O Bolhinhas respondia com um certo capricho. Contorcia-se com desdém e enfileirava rumo aos braços de coral. Retiravas os dedos do vidro, desapontada. Voltavas-lhe as costas e metias-te num canto:

— Mãe, o extraterrestre não tinha amigos?

— Não sei. Havia um guarda muito velho, no Museu — hesitei. — Talvez eles conversassem.

— A minha professora está sempre a tentar arranjar-me amigos.

— Isso é bom...

— Acho que sim.

Pernas cruzadas, cerraste os olhos, com força. Não chegaste a ver o Bolhinhas a sair do seu refúgio. Num dos dias seguintes descobriste aquela habilidade. Chamaste a miúda do segundo andar e mostraste-lhe o truque. Quando beijavas o aquário, o peixe fugia. Porém, um instante depois, atrás do vidro transparente, no preciso local onde os teus lábios tinham estado, o peixe encostava a boca. Repetiste a peripécia vezes sem conta para eu e o António vermos.

Notámos que, pouco a pouco, te tornavas mais comunicativa. Um domingo à noite, António chamou-me até à janela. Brincavas com uma criança, no parque. Era já tarde. Porém, não te chamámos. Regressaste de rosto rubro, feliz. Eras fininha como um lápis e deslumbrante à tua maneira. Em breve, os miúdos começaram a notar-te. Telefonemas, encontros, festas de

anos. Um dia, pediste-me para embalar uma série de bonecas.

— Podem ir para a cave. Coisas infantis.

Porém, o espécime ficou.

Naquela noite, o miúdo do décimo andar convidou-te a ir ao cinema, com um deliciosamente atrapalhado. Aceitaste, felicíssima, ainda mal ele tinha terminado a frase, bem menos tímida do que ele. Espreitei-vos, quando saíram do prédio. Tu e ele, mão na mão, afastavam-se, pressurosos.

Abri a janela ao aroma morno do final do verão, a cheirar à chuva da noite anterior, da terra húmida e dos pessegueiros do quintal. Recordei-me dos tempos da universidade, das infundas noites de cerveja quente, das conversas sobre mundos longínquos, dos amantes que se beijavam nos jardins do *campus*, de como o Miguel salvaria o mundo com uma rima perfeita, e do romance que me traria o êxito — e que nunca terminei.

No início do curso, na cadeira de Literatura Norte-Americana, lera um conto de J. D. Salinger, em que se afirmava: “Tudo o que fazemos é ir de uma área sagrada para outra». Fechei a persiana e contemplei a noite. Sobre a copa dos pessegueiros, no negrume, brilhava a luz difusa e distante de R-12.

Sinopse

Em *Foi Amanhã*, o leitor trará contacto com um assassino extraterrestre, um par de gémeos ligados para além da vida ou dois arqueólogos que descobrem a fonte da eterna juventude, a milhões de quilómetros do nosso planeta. Conhecerá um mundo onde os terrestres são caçados como animais, uma lenda sobre um rei muçulmano casado com uma princesa vinda de outra galáxia e meditará sobre os inconvenientes da eternidade, as consequências de uma guerra bacteriológica e os efeitos do encontro de culturas. Um livro provocante.